

CÂMARA LEGISLATIVA DO DF
Biblioteca

DF
VI

L • E • T • R • A • S



CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL
Ano II nº 14

SUPLEMENTO CULTURAL
Brasília, 21 de abril de 1995



35 anos

Brasília,
a nossa
esperança

No sótão de uma casa situada na Rua dos Latoeiros, no Rio de Janeiro, hoje Gonçalves Dias, em 10 de maio de 1789, era preso Joaquim José da Silva Xavier, o Alferes Tiradentes. Portava um bacamarte carregado de chumbo e a escova pronta para o disparo.

Entregara-se, dando um final terrivelmente simples para os seus sonhos de liberdade. Um quadro, que vinha sendo desenhado desde 1785, não suportara as dissensões e as traições.

Ele, o arauto de uma nova era, consegue ainda levar seus segredos através de meses de inquirição, isolamento e pressões. Ele, o que mais pregava, alto e bom som, as suas idéias, se fizera mudo naqueles momentos de maior pressão e curiosidade policial. A sentença que já se tornara conhecida — a pena de morte — a todos os inconfidentes, já cobria de crepe aquelas mentes desesperadas. Somente Tiradentes permanecia sereno. Na sa-



la do Oratório, foi lido o acórdão, atingindo a todos, nas suas últimas esperanças. Após esta leitura de suplicio, o escrivão da Devassa leu a Ordem Régia que mandava comutar a pena de morte em degredo perpétuo; houve um momento de júbilo naquelas vozes sufocadas pelo espectro da morte. No final da leitura da Ordem, a sentença mais contundente: todos estavam degredados, à exceção do Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o único a ser enforcado. Segundo testemunhas, o momento era de euforia, os réus "explodiam de alegria", entoando o Salve Rainha e o terço de Nossa Senhora. Os soldados retiraram os grilhões e correntes que os prendiam; somente Tiradentes permaneceu atado de pés e mãos.

Recebeu com serenidade sua sentença "sem sair do lugar". Deu parabéns aos outros com "ar sincero e moderado", e pediu perdão pelo que lhes fizera.

São poucas na história da humanidade atitudes

semelhantes. Que se passava na mente daquele homem que pregava a liberdade pela liberdade e se via tolhido naquilo que mais ansiava? Ele, o arauto da boa nova, ia percorrer o caminho penoso da solidão e da ignomínia para o encontro da sentença final. Serenou ante todas as acusações; transmutou-se da euforia do arrebate indômito, que o caracterizava, para o silêncio da compreensão, sem acusar e sem macular seus princípios. Aquietou-se no momento mais perigoso para, mudo, libertar-se das peias da incompreensão com seus atos serenos e sua lição de patriotismo. Fez a história pelo exemplo.

Este mineiro da Vila de São João Del Rei, nasceu em 1746, na fazenda do Pombal, propriedade de seu pai, o português Domingos da Silva Santos. Sua mãe, D. Antonia da Encarnação Xavier, era brasileira. Teve três irmãos, sendo dois padres e um militar — Capitão de Auxiliares — e quatro irmãs. Ficou órfão de mãe aos nove anos, e de pai, aos 11. Tiradentes ficou aos cuidados do seu tio, e padrinho, Sebastião Ferreira Leitão, cirurgião dentista. Tinha vários primos padres, entre eles o Frei José Mariano da Conceição Velloso, autor da monumental obra "Flora Fluminense", em 11 volumes, e outros trabalhos de vulto; foi o organizador do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Com esta convivência aprendera Tiradentes a prática da odontologia e da

TIRADENTES

A revolução pela educação

□ Alberto Martins da Silva

Lei orgânica, presente maior

Aos 35 anos, Brasília chega à sua maturidade no auge de seu esplendor. Ao completar mais um ano de sua existência, Brasília não é mais uma maquete arquitetônica, um projeto futurista ousado ou uma utopia desenvolvimentista. O sonho de JK tornou-se realidade e ganhou vida para seus dois milhões de habitantes - filhos adotivos e da nova geração. Símbolo da autonomia política do Distrito Federal, a Câmara

Legislativa caminha consolidada para o quinto ano de sua existência. Mas, apesar da pouca idade, já tem história. Sua maior conquista foi, sem dúvida, a Lei Orgânica do Distrito Federal - carta fundamental que contemplou cada brasiliense com um texto avançado garantindo assim, desenvolvimento com justiça, proteção aos idosos, às crianças, às mulheres e ao meio ambiente.

Moderna e com mais de

80% de seus dispositivos auto-aplicáveis, a Lei Orgânica já nasceu mudando a vida política do DF. De quintal do Poder, a Capital Federal conquistou seu espaço. Antes da existência da Câmara Legislativa, o Executivo local governou durante 30 anos através de seus decretos ou mensagens. Hoje, além de submeter suas ações à análise e fiscalização do Legislativo, o Executivo tem uma lei maior para se espe-



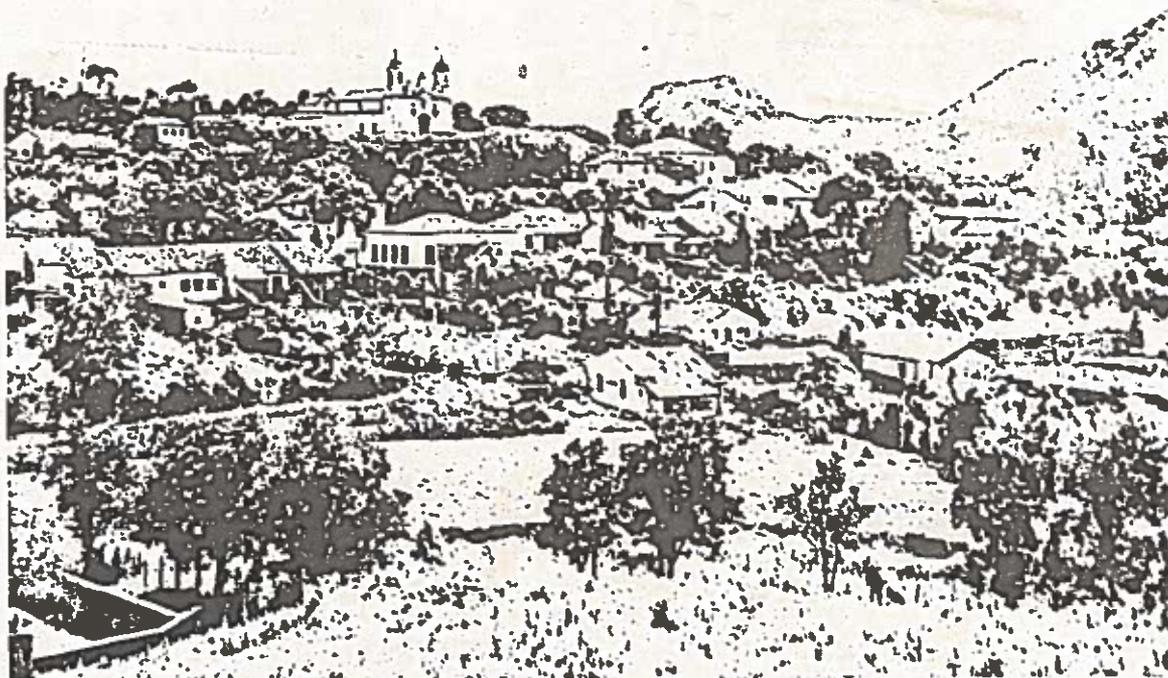
Peniel Pacheco

PP

lhar no exercício do Governo.

A Lei Orgânica consolidou os direitos de cidadania do brasiliense, que embora convivendo lado a lado com o Poder da República, estava alijada do processo de participação da vida política. De cidade cassada à plena autonomia, Brasília é a confirmação de um sonho que deu certo.

fitoterapia, tornando-se conhecido em Minas Gerais e Rio de Janeiro, atuando por muitos anos durante as longas viagens que empreendeu nas vastidões dos sertões como caixeiro-viajante. Trabalhou como homeopata, captando a simpatia de pessoas simples e notáveis. Alistou-se em 1775 diretamente no posto de Alferes — correspondente a 2º Tenente — logo após a criação do Regimento de Cavalaria, após selecionado. Sua vida militar tem passagens marcantes. Assim, de 1777 a 1779, estava em missão oficial no Rio de Janeiro, servindo nas forças de defesa contra a ameaça externa espanhola. Em 1780 já é Comandante do Destacamento de Sete Lagoas, Minas Gerais, e encarregado da guarda do Registro. Em 1781 passa ao Comando do Destacamento do Caminho Novo, com a finalidade de construir uma variante no caminho da Vila Rica ao Rio de Janeiro; sua indicação deveu-se a sua larga experiência em viagens pela região. Neste trabalho permaneceu durante cinco anos; a variante pronta, sugere em sua correspondência com o governador, seja ela calçada com pedras e indica as pedreiras existentes na área. Uma outra missão recebe, em 1784, a leste da Capitania, como Guarda da fronteira, nos limites com o Rio de Janeiro. Estas áreas eram consideradas fechadas por razões de segurança tributária. No despacho do governador, ao compor a Comissão Militar, diz que o Alferes Silva Xavier tinha



Os mineiros homenagearam o Mártir da Independência rebatizando o nome da cidade (São José Del Rey para Tiradentes

“inteligência mineralógica”, razão de sua nomeação. Assim, a ordem dada a Tiradentes compreendia a verificação de locais de veios minerais, e o estudo da possibilidade de mineração; a implantação de novas cidades; a preparação de plantas geográficas da região para averiguar a existência de caminhos desconhecidos; e a de determinar a localização de rios e montanhas, limítrofes com o Rio de Janeiro, apropriados para postos militares. São missões difíceis que ele executou com acerto e competência.

No período compreendi-

do entre 1786 a 1789, realiza uma série de viagens ao Rio de Janeiro, onde mantém contatos com elementos interessados nas idéias que ele pregava, principalmente comerciantes que desejavam livrar-se do incômodo sistema mercantilista. Sua prática revolucionária toma outra dimensão naquela cidade que ele conhecia tão bem, acostumado que estava a palmilhar seu território quando descia das minas gerais. Permaneceu um ano e meio desenvolvendo projetos para a grande cidade, tendo, entre estes, apresentado um siste-

ma de abastecimento de água pela canalização do rio Andaraí; construção de moinhos aproveitando a canalização do rio e mais os desníveis dos córregos Catete, Comprido, Laranjeiras e Maracanã; construção de trapiche; construção de armazéns para a guarda de mercadorias e gado quando desembarcados; e um serviço de barca de transporte de passageiros entre Rio de Janeiro e Niterói. Entre tantos conhecimentos, tinha Tiradentes a da prática de joalheiria e de economia. Tivesse Minas Gerais uma Universidade e por certo

Tiradentes seria um homem altamente capacitado no meio cultural no País.

Assim, ávido por tudo conhecer, envolveu-se nas idéias libertárias escritas nos livros que lia e ouvidas nas conversas que tivera com seus amigos de Minas Gerais e do Rio de Janeiro.

Os eventos da liberdade sobreviveram da nova república americana e dos enciclopedistas franceses. Sua convivência em Minas fez a amizade entre clérigos famosos, profissionais liberais, comerciantes e fazendeiros; muitos com passagens na Europa, bebendo nas fontes a força da liberdade.

Seu entusiasmo o fez orador de reuniões, aliciador de adeptos e pregador de idéias em todos os recantos por onde passava. Daí, também, ter recebido as alcunhas de “O República”, “O Liberdade” e o “Corta-Vento”.

Seu elevado caráter ficou evidenciado quando prestou depoimento durante a Devassa. No primeiro interrogatório, ocorrido em 22 de maio de 1789, foi firme, sem medo, sem comprometer ninguém e sem apresentar detalhes de nada. A 27, durante o segundo interrogatório, nada informou de importante; negou tudo, preservando os amigos. Três dias depois, permanece sereno, ganhando tempo. Depois, acareado com Joaquim Silvério dos Reis, também preso, reconhece que a revolução já era do conhecimento das autoridades; até

Balzaqueana Brasília

Brasília chega à idade em que a beleza de suas paisagens, e a impressão única que todos nós temos ao observá-la justifica sua natureza de capital que assume o feijão e o sonho. Ao lado do dia a dia da sobrevivência, outro ideal: o sonho de

uma nova vida. Para muitos o sonho não acaba, por continuar irrigado pelas forças cósmicas da criatividade que dominaram a construção da cidade.

Cidade-refém do Executivo Federal, que nunca define claramente os limites de seu

compromisso com a capital federal do Brasil. Que se renova junto com a Nação, que pinta a cara, após assistir o desfile de tanques e tropas.

Brasília é isso: mosaico generoso do caráter nacional. Cidade-Estado que ex-



Rodrigo Rollemberg
PSB

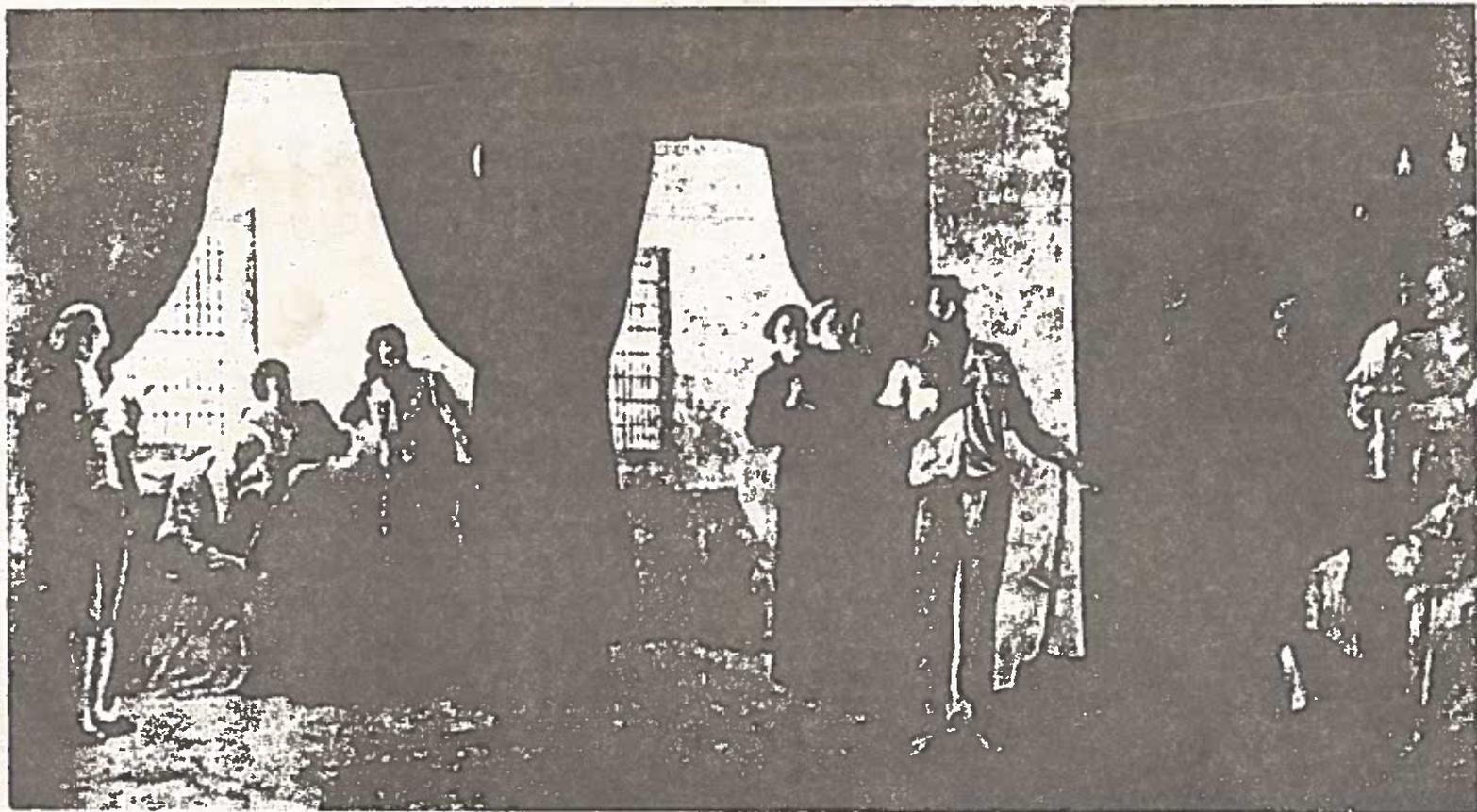
pande sua fronteira para o espaço interior do sentimento humano. Vocação eterna de templo da Paz do terceiro milênio. Local em que o mundo se encontra promovendo cultura, e convivência, em exemplo permanente para nossas vidas provisórias.

então, nada sabia da delação do amigo. Mesmo assim, continua pouco informando. Somente em 18 de janeiro de 1790, resolve confessar. Estava preso há quase sete meses, incommunicável; nega a culpa de todos e se diz responsável por tudo. Respondeu a 11 interrogatórios.

A região das minas gerais atraiu, com a riqueza do seu subsolo, uma grande onda migratória que em pouco tempo transformou aquela Capitania na mais rica e populosa da Colônia.

Passava dos 300 mil habitantes, nos idos de 1770, representando duas vezes a população da Bahia, sede do Vice-Reinado, e quase três vezes a do Rio de Janeiro. Os veios auríferos formaram uma sociedade diferenciada nos gostos, nos costumes, no luxo e nos contatos com emissários portugueses controladores da riqueza que o solo mineiro dadivosamente oferecia. Neste ambiente, onde as conversas reuniam homens conscienciosos e ambiciosos de liberdade, já que tomavam conhecimento da importância da região, foi nascendo, aos poucos, de mente em mente, a idéia de emancipação calcada na economia livre, na tributação honesta, na liberdade e educação para todos e na riqueza para os brasileiros.

Para que tal fosse concretizado, homens foram chamados para uma compreensão coletiva e para uma participação ativa nos momentos mais decisivos. Planos foram traçados e



Em 18 de abril de 1789 foi lida a sentença que condenou Tiradentes à morte por seu sonho de liberdade.

apoios garantidos. Cabeças pensantes criaram o ambiente propício para a grande arrancada do grito libertador, justamente no dia marcado para mais uma cobrança do tributo oneroso e injusto. Tiradentes foi o grande artífice da pregação aliciadora. Seus discursos inflamados e sua presença marcante singularizaram a própria mensagem de liberdade, na afoiteza dos atos e na força dos seus significados; tinha voz e vez.

Este sonho que alcançava mentes privilegiadas e mentes simples, padres esclarecidos e fazendeiros ansiosos, filósofos e poe-

tas, médicos e advogados, militares e artistas, durou enquanto não sofreu o impacto da fala denunciadora.

Naqueles momentos de aflição, durante a leitura da sentença, o silêncio de Tiradentes representou a grandeza de seu procedimento correto, cristão e patriótico. Que outros tentassem outra vez, teria pensado, com certeza.

Realizou o impossível: prendeu sua voz de mensageiro para ouvir sua consciência soberana. Saiu engrandecido no momento do desespero. Caminhou para o suplicio infamante,

calmo, humilde e vitorioso, traduzindo o verdadeiro significado da liberdade que pregara firme e obstinadamente. Na placidez de seu semblante e na firmeza de seus passos, a atitude de homem consciente, limpo de alma e certo de seu destino. A história reconheceu o seu importante papel; a Pátria o embalou em seus braços, o erguendo para a posteridade. Renascido para a Pátria, reverenciado pelos irmãos, respeitado pelo sentimento patriótico, serve à geração brasileira como um símbolo de um povo livre.

Num registro muito feliz, diz o historiador Márcio

Jardim:

“Depois de morto, sequestraram-se-lhe na cela navalha de barbear e um canivete, que poderia ter usado para abreviar o sacrifício. O suicídio, até bem pouco tempo, por influência da religião, era considerado infamante. Nem por aí o Alferes deixou-se infamar”.

Tiradentes transmite à Nação, exemplarmente, na coerência dos seus atos, a magnitude de raros exemplos.

□ Alberto M. Silva é general do Exército brasileiro

De capital da esperança à esperança da capital

Trinta e cinco. Brasília está completando 35 anos. Tão jovem, nossa cidade traz as rugas da maturidade precoce, cicatrizes das experiências de quem nasceu em berço esplêndido, cresceu amada, conviveu com escândalos e ainda vive em busca de sua própria identidade política, econômica, social e cultural.

Brasília, ao ser concebida por JK, recebeu o privilegiado tratamento de uma cidade que deveria ser o modelo - tanto de modernidade urbana quanto de qualidade de vida - para um país subdesenvolvido em busca da estabilidade econômica e política.

O sonho de JK não resistiu à força das baionetas. De capital da democracia, Brasília foi transformada em quintal da ditadura. O sonho virou pesadelo. Bravamente, a cidade resgatou sua dignidade. Foi às ruas, buzinou, bateu panelas, enfrentou generais para devolver ao País o direito de ser livre.

Com a volta dos militares aos quartéis, Brasília voltou a respirar democracia, conquistando, inclusive, o direito de escolher, livremente, seus próprios representantes. Mas os hóspedes que a cidade é obrigada a receber, não

souberam honrar o passaporte que os brasileiros de outros estados lhes deram. A corrupção colheu o Palácio do Planalto, se espalhou pelos mais importantes gabinetes do governo federal e tingiu com a cor da imoralidade o Palácio do Buriti. Por causa desses hóspedes aéticos, Brasília, injustamente, ganhou fama de “terra de anões”, “cidade de fantasmas”, “paraíso dos marajás”.

A resposta de Brasília veio das urnas. Rejeitamos os Fernandes, elegemos Lula presidente, fizemos Cristóvam governador. Nossa luta, agora, é corrigir os erros



Maria José (Maninha)

PT

do passado que dificultam o presente e comprometem o futuro de todo o Distrito Federal. Mais que isso: nossa luta é resgatar o sonho de transformar Brasília num modelo de administração popular e democrática para um País já desencantado com experiências neoliberais.

Uma cidade que não teme fuzis, mordidas, usurpadores nem poderosos de plantão, só merece parabéns, Brasília. Que suas rugas precoces nos ensinem a rejuvenescer a esperança de todos nós, que fizemos da capital dos brasileiros a nossa cidade.